

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Textos para discussão
Escola Nacional de Ciências Estatísticas
número 11

A LINGUAGEM E AS REPRESENTAÇÕES DA MASCULINIDADE

JOSÉ EUSTÁQUIO DINIZ ALVES

Rio de Janeiro

2004

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093

Divulga estudos e outros trabalhos técnicos desenvolvidos pelo IBGE ou em conjunto com outras instituições, bem como resultantes de consultorias técnicas e traduções consideradas relevantes para disseminação pelo Instituto. A série está subdividida por unidade organizacional e os textos são de responsabilidade de cada área específica.

ISBN 85-240-3710-5

© IBGE. 2004

Impressão

Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI/IBGE, em 2004.

Capa

Gerência de Criação/CDDI

Alves, José Eustáquio Diniz

A Linguagem e as representações da masculinidade / José Eustáquio Diniz Alves. - Rio de Janeiro : Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

33p. - (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093 ; n. 11)

Inclui bibliografia.

ISBN 85-240-3710-5

1. Sexos - Diferenças (Psicologia). 2. Linguagem e língua - Diferenças entre sexos. 3. Sexismo na linguagem. 4. Discriminação de sexo contra as mulheres. I. Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Brasil). II. Título. III. Série.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais
RJ/2004-03

CDU159.938.363.2

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. DIMORFISMO SEXUAL E CULTURAL.....	8
3. ÒIKOS VERSUS POLIS	16
4. AS PRÁTICAS SEXUAIS E REPRODUTIVAS DA MASCULINIDADE DOMINANTE.....	20
5. O FALO DOMINA A FALA	25
6. CONCLUSÕES	29
7. BIBLIOGRAFIA	31

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar como a linguagem corrente, os ditos populares e as piadas refletem e reforçam as representações assimétricas de gênero na sociedade. A linguagem e as representações da masculinidade e da feminilidade estão impregnadas de valores criados ao longo de séculos. O discurso masculino, construído no plano simbólico, busca tornar naturais as desigualdades sociais de gênero, legitimando as divisões sexual e social do trabalho, diferentes comportamentos sexuais e reprodutivos, bem como uma menor inserção social, cultural e política das mulheres na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: gênero, linguagem, masculinidade, dominação masculina

ABSTRACT

The objective of this paper is to analyze how the common language, the popular sayings and the jokes reflect and reinforce the asymmetric representations of gender in society. Language and the representations of masculinity and femininity are impregnated with values created along the centuries. The male discourse, built on the symbolic level, has the intention of making natural the social inequality in gender issues, legitimating the sexual and social division of labor, the different sexual and reproductive behavior and the lesser social, cultural and political insertion of women in society.

Key Words: Gender, language, masculinity, male domination

1. INTRODUÇÃO¹

Pagu

(...)

*Eu sou pau para toda obra/Deus dá asas à minha cobra
Minha força não é bruta/Não sou freira e nem sou puta
Porque nem toda feiticeira é corcunda/Nem toda brasileira é bunda
Meu peito não é de silicone/Sou mais macho que muito “home”*

(...)

Não sou atriz-modelo-dançarina/Meu buraco é mais em cima

Rita Lee e Zélia Duncan

O sexo está localizado no plano natural e biológico e o gênero, no plano social e cultural. Na definição de Scott², o gênero é visto como o discurso da diferença sexual e mantém o sexo como referência explicativa: Quando falo de gênero, quero referir-me ao discurso da diferença dos sexos. Ele não se refere apenas às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas quotidianas, como também aos rituais e a tudo que constitui as relações sociais. O discurso é um instrumento de ordenação do mundo, e mesmo não sendo anterior à organização social, ele é inseparável desta. Portanto, o gênero é a organização social da diferença sexual. Ele não reflete a realidade biológica primeira, mas ele constrói o sentido dessa realidade. A diferença sexual não é a causa originária da qual a organização social poderia derivar. Ela é antes uma estrutura social movente, que deve ser analisada nos seus diferentes contextos históricos.

¹ Agradeço ao professor José Antônio Senna, da ENCE/IBGE, que fez a revisão gramatical deste texto
² SCOTT, 1998, p.115.

Várias escolas de pensamento contribuíram para o desenvolvimento do conceito de gênero, entendido enquanto uma construção social das diferenças sexuais. A psicanálise freudiana, por exemplo, contribuiu para separar a sexualidade da sua base puramente biológica. Entretanto, muitas feministas denunciaram como sexista a teoria do Complexo de Édipo (da mulher) e a conseqüente formulação do conceito da “inveja do pênis”. Porém, a partir do livro de Juliet Mitchell³, *Psicanálise e feminismo*, de 1974, houve uma tentativa de reconciliar o feminismo e a psicanálise. Com base na obra de Jacques Lacan, a autora recupera uma interpretação que estabelece uma diferença entre o pênis e o falo, o primeiro sendo o órgão biológico e o segundo uma representação simbólica, isto é, cultural. Assim, se o falo é distinto do pênis, a luta das mulheres contra o falocentrismo não seria uma luta contra o masculino, ou para acabar com os gêneros, já que os homens não teriam a posse exclusiva do falo.

Todavia, outras feministas continuam divergindo das interpretações da psicanálise. Jane Gallop⁴, mesmo concordando que o falo é um conceito lingüístico e cultural, discorda da idéia lacaniana de separar o falo simbólico do pênis e considera que é preciso alterar o falocentrismo do discurso a fim de alterar a sorte das mulheres na sociedade. Ela argumenta que *O pênis é o que os homens têm e as mulheres não têm; o falo é o atributo do poder que nem os homens nem as mulheres têm. Mas enquanto o atributo do poder for um falo que só pode ter significado por referência a um pênis ou sendo confundido com um pênis, essa confusão sustentará uma estrutura em que parece razoável que os homens tenham poder e as mulheres não o tenham. E enquanto os psicanalistas sustentarem a separabilidade ideal do falo em relação ao pênis, eles podem agarrar-se a seu falo e acreditar que seu discurso falocêntrico não precisa ter qualquer relação com a desigualdade sexual, nem qualquer relação com a política.*

O objetivo deste artigo não é comentar as polêmicas da psicanálise, mas sim mostrar como o discurso da dominação masculina tem como base valores falocêntricos que reforçam a discriminação social contra as mulheres e os homossexuais. A linguagem corrente, os ditos populares, os chistes, os gracejos, os provérbios, as piadas e os palavrões refletem e reforçam as desigualdades de gênero, ao apresentar as relações sociais entre os sexos de forma estereotipada. As relações de gênero são relações de poder e, na sociedade androcêntrica, o falo representa o poder. Segundo Scott, *O discurso é um instrumento de ordenação do mundo*. De acordo com Gallop, *ter um falo significa estar no centro do discurso*. Por isso, a análise

³ Mitchell, 1979.

⁴ GALLOP, 2001, p. 280-281

da linguagem e das representações de gênero apresentada a seguir considera que o falo funciona como um significante em relação ao pênis. O falo significa vida, atividade e potência, estando em constante referência ao corpo dos homens e às representações da masculinidade.

Simone de Beauvoir mostrou, no livro *O segundo sexo*, que na cultura dominante a relação entre os dois sexos se parece muito com aquela entre os dois pólos elétricos, porque o homem representa tanto o positivo quanto o neutro, enquanto a mulher representa só o pólo negativo. Lauretis interpreta o sistema sexo-gênero como a construção, a desconstrução e a representação das relações entre homens e mulheres. Ela fala em “tecnologias de gênero” e considera que o sujeito “gendrado” é criado não apenas pela diferença sexual, mas *sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais*⁵.

É o que observamos na linguagem corrente utilizada nas representações da masculinidade que, geralmente, é essencialista e construída sobre estereótipos da “natureza” feminina e masculina. Para romper com esta velha tradição, tem-se, então, de desconstruir o discurso sexista. Porém, o primeiro passo para tanto, é entendê-lo em todas as suas dimensões e realçar os abusos e absurdos, tanto das expressões mais fortes, quanto daquelas, aparentemente, inocentes.

A letra da música Pagu, de Rita Lee e Zélia Duncan, apresentada na epígrafe desse texto, trabalha com as expressões populares e tem um claro objetivo de desconstruir a linguagem machista, invertendo os valores da dominação masculina e mostrando que a mulher, no que diz respeito ao polo positivo e superior da hierarquia de gênero, pode ser “mais macho do que muito homem”. Da mesma forma, os inúmeros exemplos apresentados a seguir são comentados no sentido de realçar o sexismo das representações usuais entre homens e mulheres. Ao adotar tal estratégia, tem-se o objetivo de salientar a necessidade de se construir uma linguagem inclusiva e com equidade de gênero.

2 - DIMORFISMO SEXUAL E CULTURAL

Mesmo sabendo que o sexo está para o plano natural como o gênero está para o plano cultural e social, as diferenças não aparecem normalmente de forma tão clara. A natureza não existe em estado puro, e a cultura, ao se apropriar da natureza, embaralha o sexo/gênero em um sistema dicotômico e hierarquizado, onde a

⁵ LAURETIS, 1994, p. 28.

classificação sexual se mistura à classificação de gênero, biologizando o cultural e culturalizando o biológico. O dimorfismo sexual ocorre com o aparecimento de duas formas diferentes de uma determinada característica dentro de uma mesma espécie, distinguindo o macho da fêmea. O dimorfismo cultural é a transposição das diferenças biológicas para o plano da cultura estabelecendo-se oposições homólogas ancoradas em dicotomias que atribuem características positivas aos homens e negativas às mulheres. São estabelecidos significados ao sexo e à natureza, tomando-se o masculino (o falo) como referência paradigmática e o feminino, como polaridade deficiente e estigmatizada.

Este padrão sexo/gênero ocorre desde antes do nascimento, já que o bebê, sem liberdade de escolha, vai ter que se adaptar aos padrões da feminilidade ou da masculinidade, estabelecidos *a priori*. A partir do conhecimento dos órgãos genitais do embrião, através do exame de ultra-som, os pais já começam a escolher um nome característico para a futura criança do sexo masculino ou feminino e a definir a cor do enxoval. Geralmente, azul para os meninos e cor-de-rosa para as meninas. Se for menina, ela vai ganhar saias, lacinhos de fita para o cabelo e brincos. Seus brinquedos serão bonecas e casinhas. Os meninos não usam brincos nem lacinhos, e ganham bola e carrinhos. Isto quer dizer que, não só durante a gestação, mas também antes que a criança tenha uma vida consciente, o seu gênero já estará colado ao seu sexo. Ao longo da vida, o sexo vai continuar sendo referencial para determinadas normas e espaços, como os banheiros públicos, que são separados dicotomicamente em masculinos e femininos.

A valorização da masculinidade começa com a explicação bíblica de Eva sendo criada, do homem e para o homem, a partir da costela de Adão. No livro do Gênesis, disse Deus à mulher, como castigo pelo pecado original: *Multiplicarei os teus trabalhos e teus partos. Darás à luz os filhos com dor e estarás sob o poder do marido e ele te dominará*. Instaurou-se, então, no plano simbólico, a dominação masculina e as mulheres passaram a ser definidas como *o segundo sexo*, entendido este não apenas no sentido da ordem cronológica da criação, mas ainda no sentido de secundário e submisso. Assim, como o vocábulo *segundo* tem duplo sentido, o mesmo acontece com outros termos que são comumente utilizados: por exemplo, é incontestável que, em média o homem é mais forte do que a mulher, isto é, tem mais força física. Mas a palavra *forte* tem outros sentidos, pois pode ser entendida de diversas formas: vigoroso, robusto, seguro, instruído, poderoso, nutritivo, substancioso, sólido, consistente, etc. Na convenção masculina, o homem forte *não chora*, nem deixa transparecer fragilidade. Em contraposição, a mulher, por ter menos força física, passa a ser vista como o oposto de tudo isto, ou seja, mole, fraca, insegura, chorona, sem

poder, inconsistente, etc. Assim, além de *segundo sexo*, as mulheres são identificadas como o *sexo frágil*.

Outros tipos de associações entre sexo e fenômenos naturais, como luz e sombra, reforçam as dualidades. Como disse o matemático grego Pitágoras (VI século a.c.): *Há um princípio bom, que criou a ordem, a luz e o homem; e um princípio mau, que criou o caos, as trevas e a mulher*⁶. Este princípio está presente de forma mais sutil na música *A flor e o espinho*, de Nelson Cavaquinho, G. de Brito e A. Caminha, que diz: *Eu só errei quando juntei minha alma à sua, o sol não pode viver perto da lua*. Neste caso, o *sol* está associado ao homem e a *lua* está associada à mulher. O objetivo dos autores foi fazer uma rima e utilizar uma imagem poética, contudo, mesmo sem intenção, acabam por reforçar as dicotomias sexistas, pois o sol é uma estrela quente e com luz própria, enquanto a lua é apenas um satélite que gira em torno da terra, além de ser fria e não ter luz própria. Não passa pela cabeça de ninguém associar o sol à mulher e a lua ao homem. Neste jogo de alusões, passa-se sub-repticiamente de uma idéia a outra, identificando-se o quente com o homem e o frio com a mulher.

Lembre-se que *quente* também tem vários sentidos, quais sejam de calor, temperatura, aquecimento, picante, além de estar associado às idéias de vida, luz, dia, claridade, energia, etc. O frio, ao contrário, está associado às noções de morte, escuridão, noite, sombra, inércia, etc. Não é de estranhar que, na representação sexista, o homem seja o portador do *calor vital*. O homossexual masculino fica no meio caminho e é definido como *fresco*. Esta mesma analogia está presente no seguinte gracejo, que sexualiza os elementos da natureza: *A floresta é virgem porque o vento é fresco*. Floresta virgem, como mulher virgem, é aquela que não foi “penetrada”. Assim, por mecanismos diretos ou tortuosos, as diferenças genitais são associadas a todas essas dicotomias, o que explica o fato de existir uma valorização da polaridade masculina e uma desvalorização da polaridade feminina e dos homossexuais.

No campo da sexualidade, isto ocorre de muitas maneiras. O pênis, órgão sexual externo e bastante visível, penetra a vagina, órgão sexual interno e quase invisível. Daí, existir a idéia de penetração como sendo um ato ativo, enquanto o “ser penetrado” passa a ser visto como um ato passivo. Lembre-se que *ativo* é definido pelos dicionários como aquilo que exerce ação, que funciona, que trabalha, que se move. Por exemplo, as pessoas que estão no mercado de trabalho fazem parte da população economicamente ativa (PEA), e os aposentados são inativos. Ativo também significa atuante, intenso, vivo, ágil e enérgico. Em contabilidade, esse termo diz respeito aos bens e direitos a receber. *Passivo* é o contrário de tudo isto: é quem ou o

⁶ VIEZZER, 1989, p. 96.

que recebe uma ação, que não atua, inerte, indiferente e apático. Em termos contábeis, significa dívidas e obrigações a pagar. Desta forma, a dona de casa é considerada duplamente passiva: como esposa passiva no ato sexual e como trabalhadora que não faz parte da PEA.

Mesmo considerando que no ato sexual existe ação de ambas as partes, o sexismo consiste exatamente em identificar o ativo com a ação masculina e o passivo com a ação feminina, tal como ocorre na esfera biológica, em que o espermatozóide penetra o óvulo. O senso comum associa a ereção do pênis às noções de rigidez, energia, ação e potência, que são associadas ao ativo, e não ao passivo. Assim, na linguagem popular, diz-se que o homem *come* a mulher, apesar da mulher “engolir” o membro masculino. Na cultura androcêntrica, o homem é o sujeito ativo que *come* e, como um objeto passivo, a mulher é *comida*. Isto explica por que o homem acha a mulher *gostosa*. A este respeito, existem pilhérias que definem a mulher como *objeto de cama e mesa*.

Analisando a sociedade Cabila, Bourdieu mostra que, na ordem da sexualidade, as diferenças sexuais estão imersas em um conjunto de oposições que organiza todo o cosmo, e os atributos e atos sexuais se vêem sobrecarregados de determinações antropológicas e cosmológicas: *o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção, ou a posição superior no ato sexual*⁷. Ao se cristalizar a posição superior do ato sexual como naturalmente masculina, outras situações sociais passam a ser identificadas com o masculino, pois a noção de superior não quer dizer apenas acima, mas também elevado, grau máximo, qualidade excelente, nível universitário, hierarquia. Esta relação já tinha sido sublinhada por Aristóteles (384-322 a.c.): *A relação do macho face à fêmea é naturalmente a do superior para o inferior; o macho é governante, a fêmea, o súdito*⁸.

Desta forma, as noções de alto (os homens, em média, são mais altos que as mulheres) e superior passam a estar associadas ao masculino, e tudo que for relacionado a queda, caída, cair no chão, se curvar ou até mesmo deitar é associado pejorativamente ao feminino. *Ficar por baixo* é um estado negativo e se alguém tem uma recaída recomenda-se *levantar a cabeça*. É com desconfiança, portanto, que se deve considerar a idéia de que as mulheres são mais *pé no chão* e mais *terra-a-terra*, pois tudo que diz respeito a *alto nível* e *vertical* está fortemente correlacionado com o masculino, enquanto *baixo nível* e *horizontal* estão relacionados ao feminino. Geralmente, identificam-se as *partes baixas* do corpo como partes sexuais e

⁷ BOURDIEU, 1999, p.16.

⁸ VIEZZER, 1989, p.97.

femininas, e as *partes altas*, como masculinas. Lembre-se que o homem socialmente respeitado é representado *da cintura para cima* através de um *busto*.

Quando a música “Volta por cima”, de Paulo Vanzolini, diz: *Um homem de moral não fica no chão/nem quer que mulher lhe venha dar a mão/reconhece a queda e não desanima/ levanta, sacode a poeira, dá a volta por cima*, fica claro que o homem tem sempre que estar na vertical e *dar a volta por cima* em todos os sentidos. Da mesma maneira, classe alta ou classe superior vem relacionada à elite social e econômica de um país, existindo, neste sentido, um reconhecimento do movimento de mobilidade social como um movimento masculino. Tudo que é alto está relacionado ao masculino e tem uma conotação positiva, enquanto tudo que é baixo está relacionado ao feminino e tem uma conotação negativa. O ato de abaixar é considerado uma atitude feminina e depreciativa como mostra o seguinte provérbio: *Quem muito se abaixa mostra a bunda*.

No dito popular *A vida é dura para quem é mole*, existe a noção de que o homem está mais preparado para enfrentar a vida e a ascensão social, assim como *para o alto* e *dura* é a ereção. A noção de *duro* está associada ao masculino e à vitória, e a noção de *mole*, ao feminino e à derrota. *Deu duro* é uma expressão positiva, utilizada para quem fez esforço, e *deu mole* é uma expressão negativa, utilizada em relação a quem entregou os pontos e não opôs resistência. *Bunda-mole* é um sujeito fraco e sem valor. O doce semelhante ao marshmallow foi nomeado *maria-mole* e não *joão-mole*, mostrando que, nos diversos aspectos da vida, as mulheres estão associadas à noção de mole, macio, tenro, débil e frouxo, enquanto os homens estão associados à noção de duro, firme, enérgico, resistente, valente, etc. *Maria-vai-com-as-outras* é uma pessoa (homem ou mulher) fraca, sem vontade e que se deixa levar pelos outros.

Na simbologia do dimorfismo, o signo feminino (♀) é representado por um círculo com uma cruz para baixo, e o signo masculino (♂) é representado por um círculo com uma seta inclinada para cima, como se fosse a representação de um pênis ereto. A potência (pênis duro) é o maior e mais forte símbolo de prestígio masculino, e o pênis mole, sem potência, ou seja, *broxa*, é o maior fantasma da masculinidade convencional. Existe um chiste sobre a diferença entre o medo e o pavor, que diz: *O medo do homem surge quando pela primeira vez ele não consegue dar a segunda e o pavor quando pela segunda vez ele não consegue dar a primeira*. Por essas e outras, é comum associar-se a impotência sexual do homem ao seu insucesso social e econômico. Recorde-se que os poderosos - aqueles que estão *por cima* - costumam dizer: *o poder é afrodisíaco*.

Outro mecanismo muito comum é a adoção de uma lógica onde se estabelece que, no mundo masculino, *mais vale mais* e, no mundo feminino, *mais vale menos*. O pênis grande e grosso é motivo de afirmação e de orgulho masculino. No feminino, vale a mulher de genitais apertadinhos, pois as palavras *arreganhada*, *larga* e *estragada*, quando em referência às mulheres, são consideradas um vitupério. Um homem *peitudo* é um homem valente, corajoso e destemido. Uma mulher *peituda* carrega uma forte conotação pejorativa. O homem ter pé grande é considerado normal e até positivo, enquanto a mulher de pé grande é chamada de *sapatão*, isto é, lésbica. *Pistolão* é um homem poderoso que faz indicações ou recomendações, já *pistoleira* significa *puta*.

O homem que tem muitas parceiras sexuais é considerado positivamente um *machão*, *garanhão* ou *Dom Juan*, e a mulher que tem muitos parceiros sexuais é considerada negativamente uma *puta*, *galinha* ou *Messalina*, além de ser vista como uma *perdida*. Nesta perspectiva, existem duas “classes” de mulheres: as perdidas, que são quentes na cama, e as damas, que são recatadas e discretas. Algumas mulheres “muito quentes” são definidas como *ninfomaníacas*, possuidoras de uma *fúria uterina* que, em algumas regiões do mundo, são submetidas à clitoridectomia. Nesta lógica, existe uma oposição entre o desejo sexual da mulher e os valores morais exigidos pela sociedade, pois o que a mulher realmente diz é diferente do que ela gostaria de dizer, como fica exemplificado no seguinte chiste: *Se uma dama diz não, ela quer dizer talvez/Se ela diz talvez, ela quer dizer sim/Se ela diz sim, ela não é uma dama*.

Corpo e inteligência também são atributos diferenciados por sexo. Cobra-se que os homens sejam racionais e persuasivos, enquanto se espera que as mulheres sejam emocionais e receptivas. Como disse Vinícius de Moraes: *As feias que me desculpem, mas beleza é fundamental*. Isto é, no padrão hegemônico de beleza, as mulheres devem ter *barriguinha para dentro* e *bundinha para fora*, sendo que o sufixo diminutivo “inha” têm conotações dúbias. Desta forma, o *segundo sexo*, o *sexo frágil* é também conhecido como o *belo sexo*. Já para os homens, a lógica é outra, pois a beleza física deles não é um pré-requisito para sua valorização social. Existe até uma inversão desse atributo, quando se diz, com evidente duplo sentido: *É dos carecas que elas gostam mais*. A inteligência é uma qualidade admirada nos homens, feios ou bonitos, mas para as mulheres existe uma pilhéria na qual Deus pergunta à mulher que vai nascer: *Você quer ser inteligente ou bonita?*. Ou seja, na lógica sexista, quando a mulher é bonita, tende a ser burra, e quando é inteligente, tende a ser feia.

A oposição entre beleza e inteligência nas mulheres pode ser exemplificada através de dezenas de piadas que ressaltam a burrice das misses. A concepção de ignorância como característica feminina está presente na frase do empresário Mário Amato, ex-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp),

quando se referiu à então ministra Dorothea Werneck: *inteligente, apesar de ser mulher*, ou, de forma semelhante, no seguinte chiste: *Cabelos longos idéias curtas*. Talvez inconscientemente, exista uma tendência de associar o figurino da mulher inteligente à mulher de cabelo curto. A moda atual no Brasil, entretanto, é considerar burras todas as mulheres louras, que são motivos de inúmeras piadas. Por esse mecanismo, tais mulheres passam a ser um paradigma de uma pessoa sem inteligência e, como já não é possível desqualificar todo o gênero feminino, através das piadas de *louras burras* desqualifica-se um determinado “gênero” de mulher. Por outro lado, os requisitos de beleza e boa aparência servem para discriminar as mulheres de cabelo crespo, afrodescendentes, que geralmente estão em piores condições materiais de vida e são desqualificadas no imaginário social, como exemplificado no seguinte ditado escravista-patriarcal: *Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar*.

O quadro 1 apresenta cem dicotomias que são usualmente utilizadas nas representações entre os sexos, algumas já comentadas e outras que ainda serão. A coluna masculina apresenta o lado considerado positivo do dimorfismo hierárquico e piramidal, que privilegia a cultura em relação à natureza, o céu em relação à terra, a mente em relação ao corpo, o corpo do homem (falo) em relação ao corpo da mulher, etc. A linguagem e as representações de gênero se apropriam dessas dualidades e constroem um mundo simbólico, onde o masculino predomina sobre o feminino. Como mostra Wilshire: *A história da civilização e da filosofia ocidentais só varia até o ponto em que cada era dá ênfase a alguns aspectos favorecidos, característicos; quanto ao conhecimento e sua aquisição, todas as eras nessa história têm em comum a explícita desvalorização da terra e do corpo – mais especificamente, o corpo da mulher, junto com formas de saber e estar no mundo associadas ao feminino*⁹.

As teorias feministas sempre denunciaram o binarismo das representações que partem da construção de um dualismo centrado na natureza e na biologia, contraposto ao cultural e ao social. Exatamente neste sentido, buscou-se listar uma ampla gama de oposições que, em diferentes períodos históricos, são criadas e recriadas, reforçando o dimorfismo e misturando o biológico e o cultural, mas sempre em prejuízo do sexo feminino. Trata-se, evidentemente, de realçar o sexismo para melhor entendê-lo e, assim, criar as condições para superá-lo.

⁹ WILSHIRE, Donna. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. In: JAGGAR, A. M. e BORDO, S.R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997.

Quadro 1 - Dimorfismo sexual e cultural

Homens (♂)	Mulheres (♀)	Homens (♂)	Mulheres (♀)
1º sexo	2º Sexo	Racional	Emocional
Pênis	Vagina	Objetivo	Subjetiva
Fora	Dentro	Conquistador	Sedutora
Exterior	Interior	Egoísta	Altruísta
Público	Privado	Agressivo	Pacífica
Ativo	Passivo	Dinâmico	Paciente
Penetrar	Ser penetrado	Rude	Refinada
Foder	Fodido	Extrovertido	Introvertida
Cacete/pau	Bunda/cu	Esperto	Ingênuas
Macho	Fêmea/veado	Inteligente	Ignorante
Varão	Virago	Independente	Dependente
Grande	Pequeno	Indiscreto	Discreta
Duro	Mole	Valente/mandão	Obediente/dócil
Grosso	Fino	Corajoso	Medrosa/tímida
Potente	Impotente	Dominador	Submissa
Frente	Atrás	Governante	Súdito
Alto	Baixo	Paternal	Maternal
Em cima	Embaixo	Patriarcal	Matriarcal
Côncavo	Convexo	Sádico	Masquista
Forte	Fraco/frágil	Yang	Ying
Rígido	Frouxo	Dia	Noite
Rápido	Lento	Sol	Lua
Positivo	Negativo	Claro	Escuro
Mais	Menos	Luz	Sombra
Soma	Subtração	Vida	Morte
Superior	Inferior	Céu	Terra
Produção	Reprodução	Fogo	Água
Guarda	Retaguarda	Verão	Inverno
Patrimônio (bens)	Matrimônio	Quente	Frio
Ganhar	Perder	Seco	Úmido
Aptidão	Resignação	Salgado/amargo	Doce
Competição	Cooperação	Sólido	Oco/líquido
Determinação	Aceitação	Azul	Cor-de-rosa
Ação	Inação	Espada	Bainha
Possessão	Subordinação	Aberto	Fechado

Homens (♂)	Mulheres (♀)	Homens (♂)	Mulheres (♀)
Dominação	Submissão	Vazio	Cheio
Razão	Intuição	Matéria	Sopro
Protagonista	Coadjuvante	Profundo	Superficial
Descontínuo	Contínuo	Vertical	Horizontal
Animado	Inerte	Direto	Indireto
Englobante	Englobado	Reto	Oblíquo
Mente	Corpo	Direito	Avesso/falso
Maduro	Infantil	Verso	Inverso
Útil	Fútil	Móvel	Imóvel
Ordem	Desordem/caos	Crédito	Débito
Patrono	Matrona	Universal	Particular
Padrasto	Madrasta	Substantivo	Adjetivo
Retórico	Silenciosa	Sujeito	Objeto
Homem público	Mulher pública	Conhecimento	Mito
Varão de Plutarco	Mulher de César	Cultura	Natureza

3 - ÒIKOS versus POLIS

Pelo quadro, vê-se a identificação do mundo público e externo (extradoméstico) como um território masculino e ativo e o mundo privado, interno e doméstico como um território feminino e passivo. *Homem público*, ou Homem de Estado, tem o significado de homem de prestígio, isto é, estadista, enquanto *mulher pública* tem uma conotação de desprestígio e é sinônimo, segundo os dicionários, de *mulher da vida*, *meretriz*, *vadia*, *mulher à-toa*, *horizontal*, *perdida*, *decaída*, *cortesã*, *mulher da rua*, *mundana*, *vigarista*, *vagabunda*, *prostituta*, etc. O reconhecimento público, de homem ou mulher, costuma se dar através de uma *homenagem* (homem-nagem), pois só os homens eram objeto de veneração e respeito. *Varão de Plutarco* significa homem probo e com relevantes serviços prestados à pátria, enquanto *Mulher de César* é a mulher de reputação inatacável que, além de honesta, se faz parecer honesta, isto é, veste o figurino de uma esposa fiel e mãe dedicada.

Patrono é um homem protetor, padrinho, figura tutelar, paraninfo, enquanto *matrona* é, em geral, uma mulher madura e corpulenta. O dualismo sexualizado que valoriza o público e desvaloriza o privado fica claro na dicotomia patrimônio versus matrimônio. *Patrimônio* (de pai), além de herança paterna, significa riqueza, o complexo de bens, materiais ou não, assim como direitos a receber que pertencem a

uma pessoa ou empresa, que têm valor econômico e que são classificados no ativo contábil. *Matrimônio* (de mãe), ao contrário, significa apenas casamento. O uso do vocábulo homem como sinônimo de *ser humano*, *espécie humana* e *humanidade* torna as mulheres invisíveis, situando o homem como gênero universal e as mulheres como gênero particular. Por exemplo, quando alguém diz *meus filhos* ou *meus alunos*, as filhas e as alunas ficam subsumidas.

A democracia grega já reforçava a divisão entre público e privado, ao destinar o espaço da *polis* aos homens e a esfera do *òikos* às mulheres. A rua, a cidade e a política foram definidas, longinquamente, como espaços masculinos. Paralelamente, estabelece-se a divisão entre produção e reprodução, cabendo ao homem o papel de provedor que traz recursos provenientes da esfera pública (*polis*) para o âmbito doméstico (*òikos*), espaço destinado às mulheres e voltado à reprodução dos membros da família. Lembre-se que a reprodução é aqui entendida no duplo sentido de renovar/repetir e de gerar/procriar. No primeiro sentido, a reprodução está ligada à noção de consumo. Neste caso, as mulheres seriam responsáveis, no espaço doméstico, pelo beneficiamento dos bens necessários à manutenção da sobrevivência diária dos membros da família. Tradicionalmente, o espaço da produção (monopolizado pelos homens) sempre teve mais poder e prestígio do que o espaço do consumo (monopolizado pelas mulheres). No segundo sentido, reprodução significa procriação. Neste caso, os aspectos biológicos reforçam o maior envolvimento com a reprodução, pois só a mulher é capaz de gerir, parir e amamentar (no próprio peito) os recém-nascidos.

Assim, ao longo da história, as mulheres foram se responsabilizando pela reprodução diária dos indivíduos dentro da família, bem como pela procriação da espécie e a sucessão das gerações. Antes da invenção de métodos contraceptivos eficientes, sexo e reprodução estavam plenamente associados. Mas para os homens havia algum espaço para exercer o sexo voltado ao prazer, especialmente com as prostitutas e as cortesãs. Para as mulheres, na maioria das vezes, a reprodução (gravidez) era uma fatalidade da prática sexual. Outro aspecto relevante diz respeito à maternidade, que sempre era comprovada no ato do nascimento da criança, embora a paternidade não. Daí surgiram várias formas de controle da prática sexual da mulher, visando à garantia da descendência paterna e a transmissão da herança na forma patrilinear.

A predominância da produção (monopolizada pelos homens) sobre a reprodução (monopolizada pelas mulheres) se transmuda e se reproduz na predominância da figura do pai sobre a figura da mãe. Isto fica claro na ascendência do lado paterno sobre o lado materno, existente em todos os aspectos da vida social. Da idéia de paterno, temos: pai, padre, pátria e patrão. O predomínio do pai sobre os

outros membros da família, o Pátrio Poder, tem sido uma constante ao longo da história. Pai também tem outros significados, pois o autor de uma obra ou o fundador de uma escola ou doutrina é considerado o pai de uma idéia. Se a idéia ou a obra é boa, todos querem ser o pai da criança. O nome do pai é que passa para os descendentes e serve de referencial para uma estirpe. Praticamente, não existem “fulana de tal” filha, “sicrana de tal” neta ou “beltrana de tal” segunda ou terceira. Os termos Filho, Júnior, Neto, Segundo, Terceiro etc. são formas de designar os filhos que têm o mesmo nome do pai ou do avô. As esposas, em regra, modificam o nome de solteira e adotam o último nome do marido quando fazem o casamento civil, simbolizando que vão “servir” a outro senhor e a outra linhagem.

Em várias culturas, é costume cobrar-se um *dote* da mulher que se casa ou, no mínimo, que os pais da noiva paguem a festa do casamento e o *enxoval* da filha. É ao *pai* que um nubente pede a *mão da noiva* em casamento, é o *pai* que entra com a filha na igreja e é dos *padrinhos* que o noivo a recebe no altar, sob a benção de um *padre*. Essas cerimônias têm uma antiquíssima tradição história e, segundo Lévi-Strauss¹⁰, suas origens remontam à instauração do tabu do incesto que impõe a necessidade da exogamia e o estabelecimento de laços de parentesco entre famílias e grupos. A proibição do incesto, que elimina a possibilidade de casamento com a mãe, a irmã ou a filha, é uma regra que obrigou, no passado, a *troca de mulheres* entre os homens, que são os *sujeitos*, e as mulheres, que são o *objeto* desse “comércio”.

Além da família, o poder dos pais é ainda maior na *polis*. *Pátria* é a terra dos pais. *País* é o plural de pai com acento. Observe-se que a predominância paterna sobre o Estado eliminou o uso da palavra *mátria* (terra das mães). *Patrão* (de pai) é o proprietário de um estabelecimento, amo, senhor, empregador. *Patroa*, ao contrário, é, no sentido estrito, a esposa do patrão e, no sentido geral, todas as esposas, já que todos os maridos são chamados de patrões. A palavra *patroa*, no sentido de empregadora, é mais utilizada na relação entre a dona-de-casa e a empregada doméstica. A palavra *patroa*, utilizada fora do contexto de esposa do patrão, torna-se uma espécie de oximoro, pois, etimologicamente, *patroa* não deriva de *pai*. Na religião, Deus é *Pai*, é a primeira pessoa da Santíssima Trindade, a autoridade máxima, a qual toda criança aprende a chamar de *Papai do Céu*. Santo Padre é o *Papa*, autoridade eclesiástica máxima da Igreja Católica.

Papa, comumente, é também qualquer pessoa que se destaca em um campo de atividade, é o *infallível*, o *papai-sabe-tudo*. *Padre* é o indivíduo do sexo masculino que recebeu ordenação sacerdotal e atende aos fiéis sob sua jurisdição. A *madre*, ao contrário, é uma religiosa que rege tão-somente as demais freiras e, neste sentido, a

¹⁰ LÉVI-STRAUSS, 1982.

Igreja, enquanto instituição milenar, apresenta a hierarquia mais misógina do mundo. Como já foi dito, *patrono* tem um significado muito diferente e mais valorizado do que o seu feminino *matrona*. O mesmo acontece com *padrasto* e *madrasta*, pois o primeiro, além de ser socialmente respeitado, é o indivíduo que ocupa o lugar de pai em relação aos filhos que sua mulher teve de casamento anterior, enquanto *madrasta* é definida pelo dicionário como *mãe ou mulher descarável e pouco carinhosa, ingrata, má*, e assim ela é retratada em inúmeros contos da carochinha, que apresentam as *madrastas* como bruxas, feiticeiras, megeras e serpentes.

Não é de estranhar que as fronteiras da *polis* e do *òikos* sejam demarcadas por fórmulas opostas do jogo social: para a mulher vale a regra do “perde-ganha” e para o homem vale a regra do “ganha-ganha”. O homem bem-sucedido no mundo público é também valorizado no mundo doméstico, já que ele quase sempre é o principal provedor da família. A obtenção do “ganha-pão” basta para justificar o seu valor social, pois o homem vitorioso no mundo público ganha, automaticamente, muitos créditos no mundo privado. O mesmo não vale para as mulheres. O sucesso feminino fora do ambiente doméstico não lhe garante necessariamente o reconhecimento social. O homem que acumula muitos bens ou se destaca em algum campo de atividade é considerado um rei: *rei do gado, rei da soja, rei do futebol, rei da música*, etc. O mesmo não vale para as mulheres. *Rainha da uva* não é a proprietária de uma grande vinícola, mas sim alguma moça jovem e bonita que ganhou, no período da safra da uva, o título de beldade do ano em um concurso de beleza e glamour. *Rainha do lar* são todas as donas de casa que zelam pelo matrimônio, e não pelo patrimônio.

Os valores da sociedade machista condicionam que a mulher de sucesso público seja também mãe e esposa de sucesso no lar. Nota-se que a segunda condição é mais importante do que a primeira. A mulher que quer valorizar sua carreira profissional, sem abandonar seu espaço de mãe e esposa, vive em constante conflito para conciliar a dupla tarefa. Esse conflito não existe para os homens, pelo menos para aqueles que vencem a “guerra da sobrevivência”. Muitas mulheres abrem mão do sucesso profissional em nome do casamento, algumas escolhem, no mercado de trabalho, carreiras tipicamente femininas, outras disputam espaço nas carreiras masculinas, mas abdicam da progressão funcional para não comprometer sua vida privada e sua feminilidade. Elas aceitam perder no mundo público ou se dispõem a se limitar profissionalmente, em busca de ganhos no mundo privado para não romper a hierarquia do predomínio masculino que, em geral, estabelece: *Homem mais alto com mulher mais baixa/Homem mais velho com mulher mais nova/Homem mais rico com mulher mais pobre*.

O homem que, por acaso, quebre a regra da ascendência masculina é acusado de *gigolô* ou de ter dado o *golpe do baú*. Assim, a mulher mais alta, mais velha, mais

rica ou mais instruída tem maior dificuldade, pelo padrão dominante, de encontrar parceiros (heterossexuais) no “mercado matrimonial”. A chamada “pirâmide da solidão” é uma explicação demográfica para o antigo ditado: *burro velho, capim novo*, isto é, o homem mais velho procura uma mulher mais nova e ainda costuma brincar: *troco uma mulher de 40 anos por duas de 20*. O preconceito de idade e geração é muito forte em relação à mulher mais velha que se relaciona com um homem mais novo, talvez por lembrar a relação incestuosa e pedófila que se instaura entre a mãe e o filho a cada parto e, no mínimo, durante o processo de amamentação, embora a sociedade tenda a considerar como manifestação do *amor materno*. O homem mais novo que procura uma mulher mais velha é associado à síndrome de *Peter Pan* e de não querer *sair da barra da saia* da mãe/mulher. A relação sexual assimétrica entre diferentes gerações é uma prática tolerável e um privilégio dos homens mais velhos que a sociedade legitima.

Nessa mesma lógica androcêntrica, a mulher que ganha no mundo público tende a perder no mundo doméstico, enquanto o homem que triunfa pública e profissionalmente tende a ganhar no espaço doméstico. O mundo masculino, considerado positivo e superior, atrai as mulheres, mas o mundo feminino (doméstico), considerado negativo e inferior, não atrai os homens. Nessa regra prevalecente, a esposa bem-sucedida nunca deve ofuscar o seu marido, ela deve se contentar com a *sombra*, por isso se diz que *atrás de todo grande homem existe sempre uma grande mulher*. A instauração do título de *primeira-dama*, na política, é um prêmio de consolação para a contribuição feminina aos seus maridos. Em algumas culturas, a mulher deve andar a um passo atrás do seu marido. Já em outras, ela deve se calar diante do pai, do marido ou dos irmãos e não deve encará-los diretamente nos olhos. Os valores femininos são estabelecidos como os avessos dos valores masculinos, estes tomados como a regra e o padrão. O homem é o verso e a mulher, o reverso. Em vários casos, a mulher é definida com base no inverso do homem, como algo menos perfeito. Ser homem é não ser mulher, diferenciação esta que começa na formação do menino no processo de separação da mãe.

4 - AS PRÁTICAS SEXUAIS E REPRODUTIVAS DA MASCULINIDADE DOMINANTE

As práticas sexuais e reprodutivas dos homens são geralmente caracterizadas pelo distanciamento emocional, agressividade, múltiplas parcerias e comportamento de risco. Evidentemente, não se pode homogeneizar a masculinidade

ou a feminilidade, uma vez que existe o entendimento de que ambos devem ser tratados no plural. Todavia, apesar das diferentes masculinidades, todos os exemplos mostrados nos itens anteriores apontam para o fato de a linguagem estar impregnada da idéia de virilidade e do receio da emasculação. Vernaculamente, *emascular* é tirar a virilidade e o vigor, debilitar, mostrar-se fraco, desvirilizar, castrar. Neste sentido, quando um escritor diz: *os vícios emasculam a vontade*, ele não está apenas criticando os vícios, mas também definindo a vontade (o desejo, a decisão, etc.) como um valor masculino.

A idéia de virilidade perpassa todos as esferas sociais. Na família, por exemplo, as desigualdades de gênero são muito acentuadas, uma vez que a família patriarcal brasileira já foi caracterizada da seguinte forma: Pai taciturno, mulher submissa e filho aterrorizado. Mesmo que tal descrição seja um tanto anacrônica e não corresponda mais à família nuclear urbana, ainda existem marcantes diferenças entre os cônjuges. Os homens tendem a assumir o papel de provedor e mantêm uma relação de fora para dentro com os filhos. Os pais tendem a gerar admiração e temor (são duros e amargos), e as mães, carinho e afeto (são doces), existindo uma clara segregação nos papéis de cada sexo: pai é pai e mãe é mãe. De modo geral, o homem é considerado a cabeça do domicílio, e a mulher é a esposa do chefe.

No mundo público, o assalariado tem um chefe que lhe dá ordens e exige um determinado desempenho, mas em casa o empregado se torna chefe da esposa e dos filhos/as, reproduzindo no âmbito doméstico as relações hierárquicas do mundo extra-doméstico. A predominância masculina no lar, espaço privado, fica clara na seguinte expressão: Em briga de marido e mulher, não se mete a colher. Isto encobre a violência masculina contra as mulheres, pois o “sexo frágil” foi educado para o silêncio, o medo e a timidez.

Em algumas sociedades poligâmicas (muçulmanas, por exemplo) a poliginia é legalmente permitida, mas a poliandria é proibida. Mesmo em sociedades monogâmicas, o raio de ação dos homens é muito maior do que o das mulheres, sendo muito mais fácil para os primeiros pular a cerca. Os homens cultivam a idéia de que comer fora de casa é mais prazeroso pois acham que a galinha do outro é mais gorda e a fruta do vizinho é mais gostosa. Os machos que costumam comer fora dizem: tuberculoso é quem come num prato só. Todavia, a resposta à infidelidade conjugal é diferenciada por gênero, pois enquanto a mulher cornuda tende a pôr fim à união matrimonial, o homem cornudo tende a reagir com violência e, muitas vezes, é amparado pelo recurso da legítima defesa da honra. A mulher adúltera é vista como uma mulher decaída, próxima de uma perda, uma eterna Madame Bovary, e o seu marido, quando não reage, é pejorativamente chamado de corno manso.

Badinter,¹¹ a partir da afirmação de Rousseau de que *O macho só é macho em certos momentos e a fêmea é fêmea durante toda a sua vida*, mostra que a feminilidade é apresentada como se fosse uma coisa natural, inelutável, enquanto a masculinidade requer lutas e provações. A menstruação e a gravidez são provas suficientes da feminilidade. Todo homem tem um pênis, mas são a ereção e a ejaculação os testemunhos da virilidade. Segundo a autora, *prove que você é um homem* é o desafio que o ser masculino enfrenta permanentemente (p. 4).

No linguajar cotidiano, isto aparece de várias formas. O aforismo machista *não existe mulher que não dá, existe mulher mal cantada* representa essa idéia de que a mulher precisa do sexo oposto para se completar, sobretudo quando tem como parceiro um homem másculo. A predominância da idéia da prática sexual como penetração é expressa na seguinte facécia: *Amor que fica é amor de pica*. Estes são estereótipos consolidados no mundo falocêntrico, e a mulher que não se entrega a um homem é considerada *mal amada*. Os termos *ficar pra tia, ficar na peça, encalhada* ou *solteirona* são depreciativos, pois fazem referência às mulheres que não se casaram, como se uma mulher vivendo sozinha fosse algo anormal ou uma espécie de aleijão.

A sexualidade para o homem é vista como uma questão de necessidade. Lembre-se que o homem bom de cama é aquele que tem energia, é quente, forte, durão e que dá conta do seu “trabalho”. A mulher boa de cama é aquela que faz o que o homem quer”, sendo “uma puta na cama e uma dama na sociedade. Aliás, na moralidade convencional, a prostituição feminina cumpre uma função social importante (“é um mal necessário”), ao satisfazer os incontroláveis impulsos sexuais dos jovens ao mesmo tempo que convive com a virgindade das moças de família. Por isso, é possível um pai dizer a outro: Guarde a sua cabra porque o meu bode está solto. Talvez por esse motivo o vocábulo cabritismo seja sinônimo de lascívia. No Brasil, ainda no começo do século XXI, o homem pode pedir a anulação do casamento se descobrir que sua esposa perdeu a virgindade antes do casamento. Contudo, a tradição recomenda que o noivo faça a sua despedida de solteiro, com festa e mulheres, enquanto a noiva faça o seu chá de panela para equipar a cozinha e a nova casa. A repressão sexual impõe às mulheres o combate à concupiscência e à luxúria. Existe uma história do interior rural que diz: quando uma mulher grávida pula uma cobra, a cobra morre. Claro que a cobra é o símbolo fálico por excelência que ameaça a fidelidade conjugal, pois pular a cobra equivale a pular a cerca no casamento. Mas para os maridos valem os seguintes ditos: sou casado, mas não capado e burro preso também pasta e, de preferência, capim novo.

¹¹ BADINTER, 1993, p. 3.

Na lógica sexista, o homem é induzido a ser sempre conquistador, a tomar a iniciativa de convidar uma mulher para sair, para dançar e para a relação sexual. O homem é a referência padrão, como se verifica nos seguintes ditos: *Mulher é igual a biscoito, vai uma, vêm dezoito* e *Homem é igual a lata, uma chuta a outra cata*. A mulher é “convidada” a ser sedutora e objeto de desejo. Se esses papéis são invertidos e uma mulher canta um homem podem acontecer duas coisas: ele aceita tal cantada, como prova de sua masculinidade, ou ele não a aceita e, neste caso, corre o risco de ser chamado de *broxa* ou *bicha* por seus pares ou pela própria mulher. Nos valores da dominação masculina as mulheres mostram sua feminilidade através de sentimentos maternos e emocionais enquanto os homens mostram sua masculinidade através da virilidade e de muitas conquistas. Por isso, a “sabedoria convencional” costuma dizer: *A mulher quer que um só homem atenda seus múltiplos desejos/O homem quer que muitas mulheres atendam seu único desejo, O homem faz carinho para ter sexo e a mulher faz sexo para ter carinho, ou A mulher para transar precisa pensar, enquanto o homem só precisa de um lugar*. Desta forma, existe uma interpretação psicológica de que o homem ama o desejo e não o objeto desejado e a mulher ama ser o objeto de desejo.

Os estudos de sexualidade mostram que é comum associar a paixão com os valores masculinos e o amor com os valores femininos, conforme a seguinte afirmação de Loyola: *Como pude constatar em pesquisas realizadas no Rio de Janeiro entre 1987 e 1992, no discurso dos homens e mulheres entrevistados, embora ambos possam vivenciar esses sentimentos, o amor (delicado, passivo, paciente, desprendido), mais ligado ao afeto, aparece como prerrogativa eminentemente feminina, e a paixão (agressiva, ativa, impaciente, possessiva, etc.) mais ligada ao sexo, ao desejo (tesão), como uma prerrogativa masculina. A mulher experimenta uma grande dificuldade em separar sexo e amor, sendo este, se posso me exprimir assim, um elemento constitutivo de sua sexualidade*¹².

A cultura da dominação masculina está impregnada pela reafirmação do homem como um varão ativo e viripotente: os homens são espada e as mulheres são a bainha. Nas práticas sexuais dominantes os homens assumem o papel de macho de plantão. Segundo Garcia, Supõe-se que os homens estão prontos para o sexo a qualquer momento e constantemente procurando sexo. Segundo essa visão, o distanciamento emocional é considerado necessário para um adequado funcionamento sexual, assim como a atitude de arriscar-se é considerada uma peça central da sexualidade masculina. Sexo significa aventura, excitação e perigo. Arriscar

¹² LOYOLA, 1998, p.43.

a sorte. Assim, a responsabilidade é uma palavra que raramente aparece no discurso sexual masculino, tendo sérias conseqüências: DST, Aids, a gravidez indesejada¹³.

No contexto da dominação masculina, homens e mulheres têm envolvimento emocional e expectativas diferentes em relação ao sexo, sendo que o machismo estabelece uma relação de superioridade e falta de compromisso em relação à parceira como se observa na seguinte blague sexista: *O difícil não é comer uma mulher, o difícil é descomer*. O imediatismo do relacionamento sexual masculino fica claro nos seguintes bordões: *ou dá ou desce e lavou, tá novo*. Enquanto é considerado normal a mulher ficar *pegando no pé* do parceiro, é natural também que o homem dê em cima de todo *rabo de saia*. Por isto se diz: *O que é do homem o bicho não come*.

Quando se trata de uma conquista sexual, até o quesito beleza é flexibilizado, como prova a *Raimunda*, que é *feia de cara, mas boa de bunda*. Na simbologia masculina, enquanto as mulheres são um *rabo de saia*, todo indivíduo *bunda-suja* é uma pessoa reles, ordinária, sem valor. Enquanto toda mulher, em última instância, é uma Raimunda, os homens consideram que *quem tem cu, tem medo* e, quando querem demonstrar espanto, perplexidade e incredulidade total, dizem *me caiu a bunda*, como se “perder” a bunda fosse perder a última trincheira da *hombridade*.

O discurso da dominação masculina, apesar de múltiplo e fragmentado, mantém um eixo comum baseado em um sistema de signos, conceitos e pré-conceitos, que identificam o homem com a atividade e a penetração e utilizam os elementos do universo para naturalizar e hierarquizar as características de cada gênero. Neste sentido, o próprio “discurso da diferença”, que busca valorizar os diversos aspectos da feminilidade, utilizados por certos setores do movimento feminista, acaba por reforçar a dicotomia que estabelece a relação da mulher com a natureza e a do homem com a cultura. Na perspectiva de resgatar a diferença, a passividade feminina é associada à capacidade de gerar e nutrir como na “Mãe-Terra”, e a atividade masculina é associada ao processo de transformação e domínio sobre a natureza. Lembre-se que a civilização sempre valorizou a conquista humana sobre as forças naturais. O homem está relacionado com a cultura e, como disse Bourdieu, a valorização social do homem é tão forte que *Para louvar um homem, basta dizer que ele é ‘um homem’*¹⁴. Especialmente o homem com *H maiúsculo*. Para elogiar uma mulher, geralmente se usa um adjetivo.

¹³ GARCIA, 1998, p.42.

¹⁴ BADINTER, 1993, p. 4.

5 - O FALO DOMINA A FALA

O homem domina a mulher e o falo domina a fala, desde tempos imemoriais. A mulher tem dificuldade em manipular a fala falocêntrica. Um fato bastante conhecido da literatura é a timidez da fala feminina ou sua tendência ao silêncio público, o que contribui para o emudecimento e a invisibilidade das mulheres. A experiência feminina no espaço do *òikos* faz com que a mulher se especialize na fala doméstica e interpessoal e tenha dificuldade em dominar a fala pública e impessoal. Oliveira¹⁵ chama de *fala sofrida* a voz feminina no espaço público, já que as mulheres se sentem estrangeiras na polis, titubeiam, sentem-se mal, fora de lugar e têm dificuldade no domínio dos códigos do saber instrumental: *O fio do discurso pelo qual as mulheres justificam o silêncio ou, no melhor dos casos, o medo da palavra em situação pública, percorre um caminho de representações que parte da percepção do espaço público como rigoroso e exigente, regido pelo saber instrumental; leva a associação desse saber à linguagem conceitual, e finalmente, à identificação desta com o masculino.* A autora chama a atenção para a inexperiência feminina no espaço público e para as limitações decorrentes de sua vivência doméstica segregada do mundo público.

A dominação masculina passa pelo domínio do verbo e só se torna legítima porque existe uma representação simbólica, que é assumida consciente ou inconscientemente por ambos os gêneros. A dominação é legitimada no discurso. A cultura greco-judaico-cristã valoriza a representação do homem viril, branco, adulto, rico, monogâmico e heterossexual. Como vimos, toda a linguagem corrente está impregnada por um dimorfismo cultural, que transforma o universo numa dualidade sexuada e hierarquizada, cujo pólo superior é representado pelo homem-marido-pai (adulto másculo) enquanto o pólo inferior é representado pela mulher-esposa-mãe. O discurso sexista legitima essa situação, tornando-a natural e a-histórica. Toda a dicotomia hierarquizada, apresentada no quadro, anterior reforça uma ordem desfavorável às mulheres. Nas culturas que supervalorizam a masculinidade, o falo representa o poder e a conquista. O provérbio *A derrota é órfã e a vitória tem muitos pais* expressa o fato de toda vitória ter pelo menos um pai, enquanto a derrota, sendo órfã, só tem mãe. Os mundos da guerra e da política são, tradicionalmente, territórios dos homens.

Outros autores também chamam a atenção para o fato do discurso público ser eminentemente masculino. Nos meios sindical e político, prevalecem os valores do sexismo machista. Castro¹⁶ considera que o conhecimento político, a experiência e a

¹⁵ OLIVEIRA, 1993, p.79.

¹⁶ CASTRO, 1995, p.31.

linguagem convencional são parte de uma tecnologia de poder que, se não dominada, pode excluir as mulheres do aparato decisório do sindicato. Ela considera que, muitas vezes, a ascensão feminina nos sindicatos exige o domínio da linguagem sexista *que valoriza o 'falar grosso', 'o jogar duro', a personalização do líder, forte, grande orador e machão, se possível dentro e fora do sindicato*. Bourdieu discorre sobre o conceito de “violência simbólica”, que é uma forma de violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, a qual se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento. Ele mostra que a timidez feminina pode ser o reconhecimento forçado dessa violência. A importância de sua contribuição está na revelação do “poder hipnótico” da dominação masculina, que se impõe através de uma violência simbólica – sem o uso da força física, mas não menos danosa – que des-historiciza as relações sociais.

É o que mostram Rodrigues e Cardoso¹⁷ na seguinte afirmação: *O discurso sindical, como um discurso de palanque (não aquele dos bastidores) historicamente foi construído como um 'discurso masculino': agressivo, ameaçador, com o objetivo de mostrar força e falta de medo. Tem como meta provocar o entusiasmo entre os partidários e intimidar os adversários, e tem como usual componente cênico uma voz forte, o grito, os gestos 'viris', o punho fechado, o bater na mesa. As mulheres, para serem reconhecidas no campo sindical ou dos partidos, têm que assumir uma postura de macho e rejeitar o que comumente é considerado como postura feminina. Estas características da fala e da prática política devem contribuir para a reduzida presença das mulheres nas posições de liderança dos sindicatos*. Uma das consequências do discurso sexista é a exclusão da mulher da direção dos partidos políticos e do núcleo de poder dos sindicatos e associações.

O discurso público é estruturado positivamente em relação ao falo (não-castrado) e negativamente em relação ao castrado. O domínio político dos homens decorre da facilidade em manipular símbolos, códigos e valores eternamente associados ao sexo masculino. No discurso público, os homens falam *alto e grosso*, conclamam os aliados a irem *pro pau*, buscam lutar *em pé* com o objetivo de *meter o ferro, dar um cacete, "colar o saco e ir pra cima do inimigo*. Nos meios sindical e político, *engrossar* (coisa de homem) significa aumentar o timbre da voz e partir para a luta, enquanto *afinar* (coisa de mulher) significa fugir da disputa, ceder e afrouxar. O termo *fio da barba ou do bigode* equivale à palavra de honra. Lembre-se que existe a idéia de que o verdadeiro homem não desdiz a sua palavra: *palavra de homem não volta atrás*.

¹⁷ RODRIGUES, L.M. e CARDOSO, 1991, p.100.

Como se vê, são valorizados os símbolos associados ao homem ativo, barbado e viril. Por esta ótica, seria desonroso, entre outras coisas: falar *baixo e mole*, cair *de quatro*, *ajoelhar-se*, *curvar-se*, ficar *por baixo* e ser *ferrado/fodido*. Na linguagem prevalente nos discursos masculinos, a derrota está associada à passividade, que, por sua vez, é apresentada como uma característica comum às mulheres e aos homossexuais. Neste sentido, é que se pode entender o dito *ajoelhou tem que rezar*. Na representação da dominação masculina, o homem enfrenta a vida *de frente* e de *peito aberto* enquanto a mulher está associada ao *atrás* que significa não só a parte de trás do corpo, a *retaguarda*, mas também uma posição *secundária* e *inferior*. Faltar com a palavra ou fazer coisas ocultas são valores associados ao feminino, como se nota nas seguintes frases: *dar para trás* e *fazer por trás*, que têm uma forte conotação sexual. Desta forma, o provérbio *pra frente é que se anda* não deixa de refletir a maneira masculina de se comunicar.

As expressões *saia justa*, *entrar de salto alto*, *mijar para trás*, *fazer corpo mole* e *abrir as pernas* são, todas, depreciativas e tomam o corpo da mulher ou algumas características femininas como signos negativos. Essas expressões fazem uma associação entre ficar de “mãos atadas”, “faltar com a palavra” e “entregar os pontos”, induzindo a idéia de que a derrota, a fraqueza e o fracasso são coisas femininas. Para os homens, vale a lógica contrária, pois *matar a pau* significa agir com grande eficiência, *de pau feito*, de caso pensado, *pôr o pinto na mesa*, ser decidido. Por sua vez, *a dar com o pau* e *pra caralho* exprimem grande quantidade e intensidade, *do caralho* é algo muito bom, e *colar o saco* significa ser rigoroso com alguém. Evidentemente, existe uma valorização do corpo masculino e uma desvalorização do corpo e dos atributos femininos.

Outras expressões como *torrar o saco*, *pelar o saco* ou *chute no saco* são termos que representam aborrecimento, enquanto *puxar o saco* expressa bajulação. Assim, na hora do *jogo duro* da política e da vida pública, são os homens que estão mais preparados para enfrentar as dificuldades, já que existe uma idéia de que as mulheres são mais fracas e dóceis e costumam *correr do pau*. Desta forma, na vida pública, quando chegam os momentos do *quebra-pau* ou do *pega-para-capar*, é o homem castrador (capador) que leva vantagem sobre a mulher castrada (capada). O dito *o pau comeu*, ou *o pau comeu solto* refere-se a um momento de discussão tensa e decisiva, mas não há como dissociar pau e pênis da palavra *comeu* no ato sexual. Já a expressão *pau a pau* quer dizer empate.

O discurso público dos homens é profundamente discriminatório com as mulheres e os homossexuais, pois reforça os estereótipos de gênero e ataca os direitos sexuais ao associar os “ativos” a valores de superioridade e os “passivos” a valores de inferioridade. Nesse sistema de significações, o sexo/gênero está

relacionado a conteúdos culturais, de acordo com hierarquias sociais polarizadas de forma pejorativa e estigmatizante. Neste campo, a livre opção sexual, quando aceita, passa a ser uma questão da esfera privada. Na vida pública, só um tipo de representação político-sexual é aceitável - aquela que alguns definem como sendo a política dos que têm *saco roxo*, dos que têm *culhão*.

No jogo lingüístico, as dicotomias são montadas sobre dois pólos hierarquizados que diferem e se opõem, como se cada um fosse uno e idêntico a si mesmo. Um dos pólos possui a marca da superioridade e da dominação: homem-público-ativo-forte-potente-guerreiro-racional, enquanto o outro concentra os elementos da inferioridade e da submissão: mulher-doméstica-passiva-fraca-impotente-pacífica-emocional. Vale sempre o discurso do *cara durão*, mesmo que seja suavizado, como no famoso dito de Che Guevarra: *Hay que endurecer sin perder la ternura, jamás*. Uma mulher mundialmente conhecida como durona foi Margareth Thatcher, que recebeu o apelido de *Dama de ferro*, o equivalente a *Dama com falo*.

De um lado, a coluna dos valores masculinos representa os valores da virilidade, do gênero ativo, enquanto, de outro lado, a coluna dos valores femininos representa os valores da docilidade, da sensibilidade e do gênero passivo. Os homossexuais são aqueles que estariam colocados na *coluna do meio*. O discurso veicula e produz poder, sendo que a virilidade, o falo, é o principal marcador social da diferença entre os gêneros. O homem másculo é sempre viril, ativo, e vê o sexo como penetração. Os valores masculinos são identificados da mesma forma. No mundo falocêntrico, isto é verdade, como mostram todos os palavrões que desqualificam aqueles que são penetrados: *tomar no cú*, *tomar no rabo*, *se foder*, *bota pra foder*, *foda-se*, *levar porra* e *chupa aqui* (boquete). Da mesma forma, chamar um homem de *mulherzinha*, *boneca*, *boiola*, *frouxo* ou *veado* tem o mesmo significado, assim como dar uma *banana* ou mostrar o *dedo médio em riste*.

Todos esses palavrões e símbolos são discriminatórios contra as mulheres e os homossexuais (masculinos), pois colocam o ato sexual receptivo e a sodomia como uma prática negativa e renegada. Na concepção religiosa, a sodomia contraria a finalidade generativa do sexo, descaracterizando o homem, que passa de sujeito ativo a passivo, e a mulher, que deixa de fazer sexo para a procriação. Todos os exemplos anteriores mostram a valorização das práticas sexuais insertivas masculinas, acentuam os preconceitos e desvalorizam as práticas sexuais receptivas próprias das mulheres e homossexuais (masculinos). As práticas falocêntricas são identificadas como masculinas tal qual na expressão que relaciona as três formas sexuais insertivas com a ida do homem à barbearia para fazer *Cabelo*, *barba* e *bigode*.

Assim, todos os palavrões são machistas e não existem palavrões feministas. Outros xingamentos obscenos, como *filho da puta*, *filho de uma égua*, *filho de uma mãe* (solteira) ou *puta que o pariu* são palavrões que desqualificam a mulher que não seguiu seu destino de esposa. Os homens que freqüentam bordéis não são “putos”, mas as prostitutas são apresentadas como servidoras da *profissão mais antiga do mundo*. Na linguagem machista, quando alguém está sem rumo, diz-se: *mais perdido que filho de puta no dia dos pais*.

O macho, além de dar continuidade à linhagem paterna, tem que ser homem por inteiro e nunca pode ter uma relação sexual passiva, pois deixaria de ser homem, ficaria mutilado e não poderia voltar atrás. Por isso, o dito *ficar com o cu na mão* é sinônimo de *ficar com medo*. Sair de uma situação embaraçosa é o mesmo que dizer *tirar o cu da seringa*, seringa que é, evidentemente, um símbolo fálico em referência ao pênis. O homem heterossexual tem trauma de ser *enrabado*, pois, como se diz na gíria, *não existe ex-veado*, ou *garrafa de querosene nunca perde o cheiro*. Ficar mutilado (castrado) não é apenas perder o falo, mas ter uma relação passiva com ele. Querer ser homem e, ao mesmo tempo, ter uma relação passiva é uma impossibilidade tal, que vem expressa no seguinte provérbio: *tirar a calça pela cabeça*. No imaginário da dominação masculina, não existe a bissexualidade, pois o homem pela metade não é considerado homem, ele está mais próximo da mulher, como bem expressa o termo *efeminado*, que, além de se referir ao homossexual, é sinônimo de homem delicado, mole, brando e pusilânime, características citadas na coluna dos “valores” femininos. O *efeminado* é um homem *emasculado*.

6 - CONCLUSÕES

Os exemplos dados ao longo do texto mostram que a linguagem corrente, os ditos populares, os chistes, os gracejos, os provérbios, os adágios, as piadas e os palavrões são baseados em um modelo assimétrico, que sempre representa os sexos e os gêneros a partir do exemplar masculino, tomado como paradigma a partir do qual se relativiza e normatiza a posição feminina. As crianças nascem com sexos diferentes, mas se tornam homens e mulheres e adotam padrões de sexualidade e reprodução diferentes a partir não só de uma caracterização própria de gênero que é construída socialmente, mas também da delimitação de dois territórios opostos e separados por fronteiras culturais intransponíveis. O sistema de gênero, com sua hierarquização supostamente natural, atribui ao feminino um lugar secundário e inferior, além de apresentar um conjunto de práticas e situações como

presumivelmente masculinas, que funcionam como atributos de distinção entre homens e mulheres, atributos estes que não são adotados por todos os homens, mas que servem como referência simbólica no processo de formação das identidades de gênero.

Não há por que dizer que a coluna um é melhor ou pior do que a coluna dois, muito menos dizer que os valores expressos na coluna um são exclusivos da personalidade masculina, e os valores da coluna dois são exclusivos da feminilidade. Em termos qualitativos, o um não está na frente do dois. A seqüência numérica não pode ser interpretada como se houvesse uma prioridade qualitativa entre os algarismos. Assim, o primeiro sexo não é melhor nem pior do que o segundo sexo. O conteúdo sexista da linguagem e das representações de gênero ocorre quando se ordenam e se classificam como boas ou más determinadas características ou comportamentos próprios de cada sexo. No passado, majoritariamente, os homens venceram a disputa de hegemonia entre os gêneros. A linguagem e a cultura atuais, herança de muitas gerações passadas, refletem essa hegemonia. Para se chegar a uma sociedade mais igualitária será preciso reelaborar o discurso e as representações de gênero, problematizando os vícios de linguagem.

O mundo falocêntrico é também falocrático. Em praticamente todos os países do mundo, as mulheres estão posicionadas como se fossem cidadãs de segunda classe, pois, além das desigualdades econômicas e sociais, são minoria nas associações, sindicatos e partidos políticos. As mulheres conquistaram grandes vitórias ao longo do século XX, mas foram vitórias dentro de um mundo caracteristicamente masculino. Existe uma hierarquia na linguagem e nas representações de gênero que é desfavorável às mulheres. É como se os homens, tanto na estrutura social quanto na linguagem, fossem o sujeito e o substantivo, e as mulheres fossem o objeto e o adjetivo. O verbo, que expressa ação, tem uma identificação com a noção masculina de atividade.

Na origem da democracia grega, o povo se reunia na *ágora* e a fala era o instrumento pelo qual cada cidadão participava do poder. Naquela época, as mulheres não possuíam nem o direito de fala, nem de voto. Já nas democracias contemporâneas, as mulheres possuem tanto um quanto o outro. O problema é que, na estrutura histórica da linguagem, existe um domínio do falo sobre a fala. Neste sentido, o que falta às mulheres não é o domínio do falo, mas o domínio da fala. Uma fala que não seja marcada pelo dualismo antagônico e pela valorização do masculino, mas sim estruturada sem dicotomias e com igualdade de gênero. Uma fala sem preconceito sexista é um pré-requisito para a existência de uma sociedade com equidade de gênero.

O oposto da igualdade não é a diferença, mas sim a desigualdade. Assim, uma linguagem com igualdade de gênero pode se apropriar das diferenças de sexo, mas sem hierarquizá-las. O grande problema da linguagem sexista é que ela legitima e reforça as desigualdades entre homens e mulheres, classificando-as de maneira dicotômica com base em oposições supostamente naturais e biológicas.

A linguagem e as representações usuais da masculinidade reforçam as desigualdades de gênero e o jogo do essencialismo, que toma o corpo feminino como destino e *locus* inferior - enquanto expressão da cultura, ou *locus* do prazer - enquanto expressão da natureza. O estado de heteronomia entre os sexos permite a utilização das vivências cotidianas e da sexualidade como forma de desposseimento das mulheres. Trata-se de uma violência simbólica, que reforça a violência social e doméstica. Desta forma, para se avançar na equidade de gênero é preciso mudar o discurso que induz e legitima a dominação masculina. A crítica à estrutura desse discurso é fundamental para mudar a situação de exclusão e garantir maior participação social e política feminina, assim como o empoderamento das mulheres.

7 - BIBLIOGRAFIA

- BADINTER, E. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999.
- CASTRO, Mary. Gênero e poder no espaço sindical. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, v. 3, n.1/95, p. 29-51, 1995, p.31.
- GALLOP, Jane. Além do falo. Campinas, *Cadernos Pagu*, (16) 2001, p. 280-281
- GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M. et al (orgs.) *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo, ECOS/Editora 34, 1998, p.42.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA H. *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da modernidade*. Rocco, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- LOYOLA, M.A. Sexo e sexualidade na antropologia. In: LOYOLA, M.A (org) *A sexualidade nas ciências humanas*, Rio de Janeiro, Ed UERJ, 1998.
- MITCHELL, Juliet. *Psicanálise e feminismo*. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- OLIVEIRA, Rosiska *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo, Brasiliense, 1993, p.79.
- RODRIGUES, L.M. e CARDOSO, A. M. *Força Sindical: uma análise sócio-política*. São Paulo, Brasiliense, 1991, p.100.
- SCOTT, Joan W. Entrevista com Joan Wallach Scott. *Revista Estudos Feministas*, n. 1, 1998, p.115.

VIEZZER, Moema. *O problema não está na mulher*. São Paulo, Cortez, 1989.

WILSHIRE, Donna. Os usos do mito, da imagem e do corpo da mulher na re-imaginação do conhecimento. In: JAGGAR, A. M. e BORDO, S.R. *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro, Record: Rosa dos Tempos, 1997.